

PRESENÇA MASCULINA NO CURSO DE PEDAGOGIA: QUEBRANDO ESTEREÓTIPOS E REESCREVENDO A PROFISSÃO

Autaci Ribeiro da Ponte Neta¹;

Judite Dalila Aguiar Silva²

¹Universidade Estadual Vale do Acaraú, (UVA), Sobral (CE)

autaciribeiroponete@gmail.com

²Universidade Estadual Vale do Acaraú, (UVA)

juditedalilaasilva@gmail.com

Resumo:

O presente artigo analisa a presença masculina no curso de Pedagogia, destacando os desafios históricos e sociais que contribuem para sua baixa participação neste curso. No qual, parte-se do entendimento de que a escolha profissional é influenciada por construções culturais que associam a docência, especialmente na Educação Infantil, ao gênero feminino. O estudo tem como objetivo compreender os fatores que sustentam essa realidade e refletir sobre a importância da diversidade de gênero na educação. Metodologicamente, trata-se de uma pesquisa qualitativa, de caráter descritivo e bibliográfico, fundamentada em autores que discutem questões de gênero e formação docente. No desenvolvimento, aborda-se a feminização histórica da docência, evidenciando como essa construção reforça estereótipos e impacta a valorização da profissão. Além disso, são discutidos os desafios enfrentados por homens na área, como preconceitos, desconfiança e necessidade de reafirmação constante de sua escolha profissional. Por outro lado, destacam-se as possibilidades advindas da inserção masculina, como a ampliação das referências para as crianças e a promoção de práticas pedagógicas mais inclusivas. Conclui-se que a presença masculina na Pedagogia contribui para a quebra de estereótipos de gênero e para a construção de uma educação mais equitativa, sendo fundamental reconhecer a docência como uma profissão baseada na formação e competência, independentemente do gênero.

Palavras-Chave: Pedagogia. Gênero. Docência. Estereótipos. Homens.

Introdução

A escolha de uma profissão não acontece de forma isolada, mas é influenciada por fatores sociais, culturais e históricos que orientam, muitas vezes de maneira implícita, os caminhos considerados mais adequados para homens e mulheres. Nesse contexto, o curso de Pedagogia se destaca por ser historicamente associado ao público feminino, o que ainda se reflete na realidade atual das instituições de ensino superior. Durante a nossa vivência no curso de Pedagogia, é possível perceber de forma clara a baixa presença de homens nas salas de aula, onde predomina, de maneira significativa, o número de mulheres. Essa realidade não apenas chama atenção, mas também

desperta inquietações sobre os motivos que sustentam essa diferença e sobre como os estudantes homens se inserem neste espaço.

A presença reduzida de homens no curso de Pedagogia não está relacionada à falta de interesse ou capacidade, mas sim a construções sociais que, ao longo do tempo, atribuíram determinados papéis a homens e mulheres. A ideia de que cuidar, educar crianças e atuar nos anos iniciais da educação são funções femininas ainda está presente no imaginário social, influenciando diretamente a escolha profissional. Dessa forma, muitos homens acabam se afastando dessa área por medo de julgamentos, preconceitos ou pela pressão social de seguir carreiras consideradas mais adequadas ao seu gênero.

Nesse sentido, é importante compreender que essas concepções não surgem de forma recente, mas são resultado de um processo histórico mais amplo de transformações na educação e na própria organização social. Segundo Silva (2025), as concepções atuais de educação são resultado de um longo processo histórico de transformações. Inicialmente, a docência era associada à figura masculina, por estar ligada à formação intelectual, moral e cívica, considerada própria da vida pública. Com o tempo, as mulheres passaram a ocupar esse espaço, especialmente devido à associação entre o ato de educar e o cuidado, visto como uma característica feminina. Esse processo não representou apenas uma substituição de profissionais, mas contribuiu para a construção de uma identidade docente marcada por questões de gênero, influenciada por interesses do Estado, demandas econômicas e construções culturais.

Nesse sentido, é possível perceber que essa mudança histórica não apenas alterou quem ocupa a docência, mas também ajudou a consolidar a ideia de que o ato de ensinar está diretamente ligado ao cuidado, reforçando estereótipos de gênero que ainda permanecem presentes na atualidade. Isso contribui para entender por que, mesmo hoje, a presença masculina na Pedagogia ainda é menor, já que essas construções sociais continuam influenciando as escolhas profissionais e a forma como a profissão é vista pela sociedade.

A motivação para o desenvolvimento deste estudo surge, portanto, a partir da observação dessa realidade no cotidiano acadêmico. Ao longo da formação no curso de Pedagogia, percebe-se que os poucos homens presentes nas turmas, muitas vezes, se destacam não apenas pela quantidade reduzida, mas também pelas situações que vivenciam, como questionamentos sobre sua escolha, olhares diferenciados e a necessidade constante de reafirmar seu lugar no curso. Essa vivência desperta a necessidade de refletir sobre como os estudantes constroem sua trajetória acadêmica em um ambiente marcado pela predominância feminina.

Além disso, discutir a presença masculina na Pedagogia é também refletir sobre a própria profissão docente e sobre a importância de superar estereótipos que ainda limitam o acesso e a permanência de diferentes sujeitos em determinados espaços. Pensar a docência como uma profissão

acessível a todos, independentemente do gênero, é um passo importante para a construção de uma educação mais justa, inclusiva e representativa. A presença de homens no curso e, futuramente, na atuação profissional, contribui para ampliar as referências dentro do ambiente educacional, favorecendo o desenvolvimento de uma formação mais diversa.

Diante disso, este estudo se justifica pela necessidade de problematizar essa realidade, dando visibilidade à presença masculina no curso de Pedagogia e compreendendo os desafios que ainda persistem. Ao abordar essa temática, busca-se contribuir para a desconstrução de ideias limitantes e para o fortalecimento de uma visão mais ampla sobre a profissão docente, reconhecendo que ensinar, cuidar e educar são responsabilidades que não devem ser atribuídas a um único gênero.

Quanto aos aspectos metodológicos, este artigo apresenta uma abordagem qualitativa, de caráter descritivo e bibliográfico. A pesquisa qualitativa possibilita compreender o fenômeno estudado a partir de uma análise mais aprofundada das questões relacionadas à presença masculina no curso de Pedagogia. O caráter descritivo permite apresentar e discutir essa realidade com base nas observações e reflexões construídas ao longo do estudo. Já a pesquisa bibliográfica fundamenta-se na análise de textos, estudos e produções acadêmicas que abordam a temática de gênero e formação docente, contribuindo para o embasamento teórico da discussão proposta.

Dessa forma, o presente artigo tem como objetivo geral analisar a presença masculina no curso de Pedagogia, destacando a importância da quebra de estereótipos e da ressignificação da profissão docente. Como objetivos específicos, busca-se: identificar os principais desafios enfrentados no ambiente acadêmico, refletir sobre os fatores que influenciam a baixa presença masculina e discutir a importância da diversidade de gênero na construção de uma educação mais inclusiva, equitativa e aberta a diferentes trajetórias.

Desenvolvimento

A Docência no curso de Pedagogia e sua Associação Histórica ao Gênero Feminino

A docência nem sempre foi associada predominantemente às mulheres. Ao longo do tempo, essa relação foi sendo construída social e historicamente, influenciada por transformações econômicas, culturais e educacionais que contribuíram para a consolidação da ideia de que ensinar crianças seria uma função feminina. Dessa forma, a associação entre a Pedagogia e o gênero feminino não é natural, mas resultado de um processo histórico que moldou a organização da profissão docente.

Inicialmente, a atividade docente era exercida, em grande parte, por homens, principalmente em níveis mais elevados de ensino. No entanto, com a ampliação do acesso à educação e a necessidade de formação básica para a população, houve um aumento significativo da

demanda por professores. Nesse contexto, as mulheres passaram a ocupar esse espaço, especialmente no ensino voltado às crianças, por serem consideradas mais adequadas para funções relacionadas ao cuidado, à paciência e à afetividade. Essa visão contribuiu para a feminização da docência, fortalecendo a ideia de que ensinar, principalmente na infância, seria uma extensão das atividades realizadas no ambiente familiar. Conforme Azevedo (2018, p.7):

A profissão docente permitiu às mulheres o acesso a um dos espaços públicos anteriormente frequentados pelos homens. No entanto, essa profissão vai ser representada como similar ao trabalho no lar: o cuidar das crianças. Essa concepção é utilizada para naturalizar/reforçar o magistério, especialmente das séries iniciais, como uma profissão feminina.

Nesse sentido, é possível evidenciar que a inserção das mulheres na docência representou um avanço no acesso ao espaço público e ao mercado de trabalho. No entanto, esse avanço ocorreu de forma marcada por estereótipos de gênero, uma vez que a profissão passou a ser associada ao cuidado e às atividades do ambiente doméstico. Assim, essa visão contribuiu para naturalizar a ideia de que o magistério, especialmente nos anos iniciais, seria uma ocupação essencialmente feminina, reforçando desigualdades históricas na valorização da docência.

Desta maneira, com o passar do tempo, essa construção foi sendo reforçada pela sociedade, que passou a enxergar a Pedagogia como uma área tipicamente feminina. Essa percepção influenciou não apenas a organização do trabalho docente, mas também as escolhas profissionais, fazendo com que muitas mulheres fossem incentivadas a seguir essa carreira, enquanto os homens eram direcionados para outras áreas consideradas mais compatíveis com padrões masculinos.

Além disso, a associação da docência ao gênero feminino também está relacionada à desvalorização histórica da profissão, especialmente nos níveis iniciais da educação. Por ser vista como uma extensão do cuidado materno, a atividade docente passou a ser menos reconhecida em termos sociais e econômicos, o que também influenciou a baixa procura masculina pela área. Dessa forma, a feminização da Pedagogia não apenas define quem ocupa esse espaço, mas também impacta a forma como a profissão é percebida e valorizada na sociedade.

Nesse contexto, homens que ingressam na área passam a enfrentar diferentes formas de preconceito, como aponta Brown et al (2023), ao longo do tempo, a ideia de que educar crianças é uma função das mulheres foi se fortalecendo na sociedade. Com isso, homens que escolhem essa profissão acabam enfrentando preconceitos, como a homofobia e a crença de que não possuem jeito ou habilidade para lidar com crianças. Diante dessas dificuldades, muitos acabam desistindo de seguir na carreira docente.

Além disso, é possível perceber que esses preconceitos não surgem de forma isolada, mas são resultado de construções históricas e culturais que associam o cuidado e a educação de crianças

exclusivamente às mulheres. Essa visão acaba desvalorizando a presença masculina na docência e reforçando estereótipos que limitam a atuação profissional dos homens, como a ideia de incapacidade ou inadequação para lidar com o público infantil. Dessa forma, tais concepções contribuem diretamente para o afastamento de muitos homens da área, não por falta de interesse ou competência, mas pelas barreiras sociais impostas ao longo do tempo.

Logo, é importante destacar que essa construção histórica ainda influencia a realidade atual do curso de Pedagogia. A predominância feminina nas salas de aula universitárias reflete esse processo, tornando a presença masculina menos comum e, muitas vezes, marcada por estranhamento. No entanto, compreender essa trajetória é fundamental para questionar essas ideias e reconhecer que a docência não deve ser limitada por questões de gênero. Diante disso, Martins, (2025, p. 35) ressalta que:

Afastando-se dos discursos equivocados e naturalizados que a predominância das mulheres em classes escolares dos anos iniciais é uma “determinação biológica” e/ou “vocação feminina”, discursos esses que potencializam a desvalorização das lutas das mulheres pelo direito de terem acesso a salas de aula, de exercerem uma profissão, influenciam a precarização da prática docente na Educação Infantil e dos sujeitos que ali atuam, vistos meramente como profissionais assistencialistas, que atuam na maioria das vezes em ambientes insalubres, com baixas remunerações, com o mínimo de recurso fornecido para efetivação das atividades e vulneráveis a fatores externos e internos que prejudicam o desempenho docente, ignorando seus condicionantes históricos, culturais, sociais e econômicos que potencializaram a presença feminina nesse espaço que outrora era apenas garantido ao masculino.

Sendo assim, entende-se que dizer que as mulheres estão na docência por vocação natural não é correto, pois isso esconde a verdadeira história dessa profissão. Essa ideia acaba diminuindo a importância do trabalho docente, fazendo parecer que é apenas um cuidado ou ajuda, e não uma profissão que exige formação e conhecimento. Além disso, contribui para a desvalorização dos professores, com baixos salários e más condições de trabalho. Por isso, é importante questionar esses pensamentos e reconhecer a docência como uma profissão que precisa ser valorizada.

Dessa maneira, refletir sobre a associação histórica entre a docência e o feminino permite compreender que essa realidade não é fixa, mas pode ser transformada. A profissão docente deve ser entendida como um campo aberto a todos, no qual homens e mulheres possam atuar de forma igualitária, contribuindo para uma educação mais diversa e livre de estereótipos.

A Presença Masculina na Pedagogia: desafios e possibilidades

A presença masculina no curso de Pedagogia ainda é considerada reduzida quando comparada à participação feminina, o que revela a permanência de estereótipos históricos associados à profissão docente. Durante muito tempo, o ato de educar, especialmente na infância, foi socialmente atribuído às mulheres, sendo relacionado a características como cuidado, afeto e sensibilidade. Essa construção social contribuiu para que a docência nos anos iniciais fosse vista

como uma extensão do papel feminino, dificultando a inserção e a permanência dos homens nesse campo.

Nesse contexto, os homens que optam pela Pedagogia frequentemente enfrentam desafios que vão além da formação acadêmica. Entre eles, destacam-se o preconceito, os julgamentos sociais e até mesmo a desconfiança em relação à sua atuação, principalmente na educação infantil. Muitas vezes, esses profissionais precisam reafirmar constantemente sua competência e sua escolha profissional, lidando com estigmas que não atingem da mesma forma as mulheres.

Diante dessa realidade Vasconcelos e Santos (2021), ressalta que a presença de homens na Educação Infantil é importante, pois contribui para ampliar as experiências tanto das crianças quanto dos próprios docentes, favorecendo o desenvolvimento de relações afetivas mais sólidas. No entanto, ainda existe um preconceito forte nesse contexto, o que faz com que professores do sexo masculino se sintam constantemente observados e inseguros, levando-os a repensar suas práticas. Além disso, as maiores dificuldades enfrentadas por esses profissionais não estão no trabalho pedagógico com as crianças, mas nas relações com colegas de trabalho e com as famílias, devido à ideia de que o cuidado infantil é uma função feminina e ao receio em relação à proximidade entre homens e crianças.

Em vista disso, é possível compreender que a presença de homens na Educação Infantil ultrapassa a ideia de ampliação das experiências pedagógicas, envolvendo também mudanças significativas nas relações sociais e institucionais desse espaço. Isso ocorre porque, embora haja avanços, ainda permanecem estereótipos que associam o cuidado infantil exclusivamente às mulheres, o que gera desconfiança e até insegurança em relação à atuação dos professores homens. Soma-se a isso o fato de que as maiores dificuldades não se concentram na prática com as crianças, mas sim na convivência com colegas de trabalho e na relação com as famílias, que muitas vezes ainda carregam visões preconcebidas sobre o papel masculino nesse contexto. Diante disso, torna-se fundamental desconstruir tais ideias, compreendendo a docência como uma profissão baseada na formação, na competência e no compromisso, e não em determinantes de gênero.

Diante desse cenário, é crucial ressaltar que a baixa representatividade masculina no curso e na profissão pode gerar sentimentos de isolamento e falta de pertencimento, tanto no ambiente acadêmico quanto no exercício da docência. A ausência de referências masculinas na área também contribui para a manutenção desse cenário, dificultando que outros homens se identifiquem e se sintam motivados a ingressar na Pedagogia. Por outro lado, a presença masculina nesse campo traz importantes possibilidades de transformação. A diversidade de gênero na educação contribui para a construção de práticas pedagógicas mais inclusivas. Nesse sentido, Oliveira (2023, p. 18) destaca que:



Podemos considerar que, mesmo em minoria no magistério, e tendo em vista que ainda existem barreiras criadas pelo preconceito, o professor homem na Educação Infantil é um agente importante para o desenvolvimento da criança, em todos os seus aspectos – cognitivo, psicológico e social – pois, assim como as crianças podem associar a professora com a figura da mãe, esse profissional pode ser associado à figura do pai, podendo, para além da figura paterna contribuir de maneira positiva na educação dessas crianças, pois é um profissional na área da Educação, com estudos que legitimam a posição de docente em sala de aula.

Dessa forma, compreende-se que a presença masculina na Educação Infantil ultrapassa a simples ideia de representatividade, contribuindo efetivamente para o desenvolvimento integral das crianças. A atuação desses profissionais amplia as experiências no ambiente escolar, favorecendo diferentes formas de interação, cuidado e aprendizagem. Logo, possibilita a desconstrução de estereótipos de gênero historicamente associados à docência, mostrando que o ato de educar não está vinculado a um único gênero, mas sim à formação, à competência e ao compromisso com a educação.

Além disso, a atuação de professores homens na Pedagogia contribui para ampliar as formas de interação, cuidado e ensino no ambiente escolar, ao mesmo tempo em que auxilia na desconstrução de estereótipos de gênero, ao evidenciar que a afetividade e o cuidado não são características exclusivas de um único gênero. Nesse sentido, a presença masculina na docência favorece uma visão mais ampla e democrática da profissão. Dessa forma, ao romper com padrões tradicionais, esses profissionais contribuem para a ressignificação do papel do educador, promovendo uma educação mais igualitária e livre de preconceitos. Portanto, discutir a inserção masculina na Pedagogia torna-se fundamental para compreender os desafios existentes.

A Quebra de Estereótipos de Gênero na Docência

A docência, foi historicamente associada ao gênero feminino, principalmente na educação infantil. Essa associação está ligada a construções sociais que relacionam o ato de cuidar, educar e lidar com crianças às características consideradas naturais das mulheres, como sensibilidade, paciência e afeto. Dessa forma, ao longo do tempo, consolidou-se a ideia de que a profissão docente seria mais adequada às mulheres, o que contribuiu para a baixa presença masculina nessa área. Nesse sentido, Peixoto, Yaegashi e Souza (2024, p. 7):

A questão do cuidar do/a outro/a pode ser refletida na feminização do magistério da Educação Infantil a partir dos discursos de que essa etapa da Educação é vinculada ao cuidado maternal, ao assistencialismo e ao papel feminino. Dessa forma, em nossa sociedade, propaga-se a ideia de que o homem não se enquadra nesses papéis pelo fato de a figura masculina estar ligada a uma força braçal. Entretanto, o papel da Educação Infantil não é esse, mas sim proporcionar o desenvolvimento do processo de ensino-aprendizagem das crianças neste contexto.

Portanto, a associação entre Educação Infantil e práticas de cuidado vinculadas ao feminino

revela uma construção social que ainda influencia a forma como a docência nessa etapa é compreendida. Essa visão reforça estereótipos que afastam a presença masculina do espaço escolar, ao associar o homem a características como força física e atividades braçais, o que acaba sustentando a ideia de que sua atuação deveria estar voltada a outros espaços sociais considerados “mais adequados” para esse perfil. No entanto, essa perspectiva desconsidera que a docência na Educação Infantil exige principalmente sensibilidade, compromisso pedagógico e responsabilidade no processo de desenvolvimento integral da criança, e não atributos ligados a gênero. Assim, torna-se necessário superar essas representações limitadoras para reconhecer a docência como uma prática profissional que não deve ser definida por gênero, mas pela formação e competência pedagógica.

Nesse contexto, os estereótipos de gênero atuam como barreiras que limitam a participação de homens na docência. Muitos ainda enfrentam preconceitos e desconfianças ao escolherem atuar na educação básica, principalmente com crianças pequenas. De acordo com Oliveira (2025), a presença de professores homens na Educação Infantil é importante por ampliar a diversidade de referências e contribuir para uma compreensão mais ampla dos papéis de gênero, ajudando a desconstruir estereótipos desde a infância. No entanto, destaca-se que esses profissionais ainda enfrentam preconceitos e desconfianças sociais, muitas vezes tendo sua capacidade de cuidar e educar questionada, além de sofrerem julgamentos relacionados à sua masculinidade e à segurança das crianças, o que evidencia a persistência de estigmas de gênero na área educacional.

Dessa forma, é possível perceber que a inserção de professores homens na Educação Infantil ultrapassa a simples questão da presença numérica, pois envolve também a necessidade de ressignificação dos papéis de gênero socialmente construídos. Nesse sentido, os preconceitos e desconfianças enfrentados por esses profissionais evidenciam como tais barreiras sociais ainda são reproduzidas no campo educacional, reforçando a importância de debates que promovam maior valorização da diversidade na docência. E esses estigmas estão relacionados a concepções ultrapassadas sobre os papéis sociais de homens e mulheres, que acabam influenciando tanto a escolha profissional quanto a forma como esses profissionais são vistos pela sociedade.

A quebra desses estereótipos é fundamental para a construção de uma educação mais inclusiva. A presença masculina na docência contribui para ampliar as referências das crianças, permitindo que elas compreendam que homens e mulheres podem exercer diferentes funções sociais, inclusive aquelas historicamente atribuídas a apenas um gênero.

Outro aspecto importante é que a desconstrução dos estereótipos de gênero na docência também está relacionada à valorização da profissão. Quando se rompe com a ideia de que o magistério é uma profissão feminina, abre-se espaço para uma maior equidade de gênero e para o reconhecimento da docência como uma área que exige formação, competência e compromisso. Dessa forma, a docência deve ser compreendida como uma atividade que independe do gênero.

sendo fundamentada na formação, competência e compromisso profissional. Assim, tanto homens quanto mulheres têm o direito de exercer a profissão docente, desde que devidamente qualificados, evidenciando que a qualidade da educação está relacionada à prática pedagógica e não a questões de ordem biológica ou social. Nesse sentido, Sousa (2021, p. 28), reforça que:

A respeito dessa questão do magistério enquanto profissão feminina devemos perceber que o ponto chave da questão é que a docência como profissão deve buscar pessoas que sejam plenamente capacitadas e que possam exercer a função do ensino levando para os alunos uma educação de qualidade e que forme em todas as suas necessidades, ou seja, globalmente. E mostrar que essa ideia de vocação específica da mulher não precisa ser uma realidade uma vez que hoje cada um tem a livre escolha de qual profissão deseja seguir, efetivamente o necessário é compreender se o fato de ser professor(ar) implica ou não no fazer pedagógico desses profissionais.

Diante dessa perspectiva, compreende-se de forma mais clara que a docência não deve ser associada ao gênero, mas à capacidade profissional de quem a exerce. A ideia de que o magistério é uma profissão feminina resulta de construções sociais que não refletem as reais exigências do ensino. O ponto central, portanto, está em reconhecer que o fazer pedagógico depende da formação, da competência e do compromisso do professor, e não de ser homem ou mulher, evidenciando que a qualidade da educação está diretamente ligada à atuação profissional desenvolvida.

Homens na Pedagogia: direito de escolha e atuação profissional

A escolha pela docência deve ser entendida como um direito individual, independente de gênero. No entanto, a Pedagogia foi historicamente associada ao público feminino, o que contribuiu para a formação de estereótipos que ainda influenciam a presença masculina nessa área. Nesse sentido, a inserção de homens na Pedagogia representa tanto uma decisão profissional quanto um enfrentamento de padrões sociais consolidados ao longo do tempo. Além disso, a associação do cuidado e do ensino na infância a características femininas limita a atuação masculina, gerando preconceitos e desconfiança em relação ao trabalho desses profissionais. Essa visão reforça desigualdades de gênero e cria barreiras simbólicas que restringem o exercício pleno do direito de escolha na carreira docente.

Nesse contexto, Nascimento (2024), afirma que os homens possuem, assim como as mulheres, competências e sensibilidade necessárias para ensinar e cuidar de crianças, contrariando visões estereotipadas ainda presentes na sociedade. No entanto, o preconceito em relação à atuação masculina na educação infantil permanece como um desafio a ser superado. Por isso, torna-se fundamental que a sociedade avance no reconhecimento e na valorização das contribuições dos homens nesse campo, promovendo uma educação mais igualitária e livre de discriminações de gênero.

Dessa forma, torna-se necessário problematizar as ideias socialmente construídas que ainda associam determinadas profissões a um único gênero, pois tais concepções acabam limitando não apenas a atuação dos homens na Pedagogia, mas também empobrecendo o próprio processo educativo. Ao considerar que a formação das crianças se beneficia de diferentes referências e experiências, a presença masculina no contexto educacional amplia possibilidades de interação e contribui para a quebra de preconceitos. Assim, mais do que garantir o direito de escolha profissional, trata-se de promover uma educação que questione desigualdades e reconheça que homens e mulheres têm igualmente capacidade para ensinar.

Essa construção social também pode ser percebida na linguagem utilizada no cotidiano escolar. Conforme Carvalho e Rosa (2025), na educação infantil ainda existe a ideia de que cuidar e ensinar crianças é um trabalho natural das mulheres. Isso aparece no dia a dia da escola quando se usa a palavra tia para se referir às professoras, como em frases do tipo vai com a tia ou fala com a tia. Essa forma de falar parece simples, mas reforça a ideia de que a docência na educação infantil é algo feminino e acaba escondendo a presença dos homens nessa área. Além disso, esse tipo de linguagem ajuda a manter a divisão entre o que é considerado trabalho de mulher e trabalho de homem. Isso também pode limitar a experiência das crianças, porque elas deixam de conviver com diferentes tipos de professores e formas de ensinar.

Nesse sentido, o uso da expressão tia no contexto da educação infantil revela uma construção simbólica que aproxima a figura da professora do universo familiar, especialmente da ideia de cuidado afetivo associado às relações de parentesco. Embora pareça uma forma carinhosa de tratamento, essa linguagem contribui para reforçar a percepção de que a docência nesse nível de ensino está mais ligada a atributos naturais de cuidado do que a uma prática profissional qualificada. Dessa forma, esse tipo de nomeação pode enfraquecer o reconhecimento da identidade docente e, ao mesmo tempo, reforçar estereótipos de gênero ao associar o ato de educar crianças pequenas exclusivamente ao feminino, além de limitar a valorização da presença de diferentes perfis de profissionais na educação infantil.

Conclusões

A presente pesquisa evidencia que a presença masculina no curso de Pedagogia ainda se configura como um fenômeno marcado por desafios históricos, sociais e culturais. Observa-se que a associação entre docência e gênero feminino não ocorre de forma natural, mas resulta de construções sociais que, ao longo do tempo, consolidam estereótipos e influenciam diretamente as escolhas profissionais. Nesse sentido, o estudo alcança seu objetivo ao analisar como esses fatores contribuem para a baixa participação masculina na área, evidenciando que tais barreiras não estão relacionadas à capacidade, mas às representações sociais ainda vigentes.

Além disso, o presente artigo demonstra que os homens que optam pela docência enfrentam diferentes formas de preconceito, desconfiança e julgamentos, especialmente na Educação Infantil. Esses desafios revelam a necessidade de reafirmação constante de sua escolha profissional, o que pode gerar insegurança e até afastamento da área. Dessa forma, compreende-se que a permanência desses estigmas limita o exercício pleno do direito de escolha, reforçando desigualdades de gênero e dificultando a construção de um ambiente educacional mais inclusivo e diverso.

Por outro lado, a pesquisa também aponta importantes possibilidades a partir da inserção masculina na Pedagogia. A presença de homens no contexto educacional contribui para ampliar as referências das crianças, favorecendo o desenvolvimento de relações mais diversas e a construção de uma visão menos estereotipada dos papéis sociais. Nesse sentido, a diversidade de gênero na docência se apresenta como um elemento fundamental para o fortalecimento de práticas pedagógicas mais inclusivas, democráticas e alinhadas com a realidade social contemporânea.

Ademais, destaca-se que a quebra de estereótipos de gênero na docência se mostra essencial para a valorização da profissão e para a superação de concepções limitadoras. Ao compreender que ensinar, cuidar e educar são práticas que exigem formação, competência e compromisso, torna-se possível desvincular a docência de determinações de gênero. Assim, reconhece-se que tanto homens quanto mulheres possuem condições de atuar na área de forma qualificada, contribuindo para a construção de uma educação mais equitativa.

Por fim, conclui-se que discutir a presença masculina na Pedagogia ultrapassa a questão da representatividade, envolvendo também a necessidade de transformação social e educacional. Torna-se fundamental promover reflexões que incentivem a igualdade de oportunidades e o respeito às escolhas profissionais, independentemente do gênero. Dessa forma, o estudo contribui para o fortalecimento de uma visão mais ampla sobre a docência, reafirmando-a como um campo aberto a todos e essencial para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

Referências Bibliográficas

AZEVEDO, Gilson Xavier. A presença masculina em cursos de Pedagogia. **Científic@-Multidisciplinary Journal**, v. 5, n. 1, p. 4-19, 2018.

BROWN, Samuel de Santana Aleixo; BROWN, Vitória de Santana Aleixo; SALES, Giza Guimarães Pereira. A presença masculina na pedagogia: uma análise histórica. **Docent Discunt**, v. 4, p. e01597-e01597, 2023.

CARVALHO, Maria Cezarela Oliveira; ROSA, Cleidson Alves. Masculinidades docentes na educação infantil: estereótipos de gênero e reflexões a partir da experiência de estágio supervisionado. **Revista Educação, Linguagem e Tecnologias**, v. 1, n. 2, p. 27-52, 2025.

MARTINS, Nadson Nascimento. **Homens na educação infantil: perspectivas e desafios dos estudantes de pedagogia da UFMA.** Monografia (Licenciatura em Pedagogia), Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2025.

NASCIMENTO, Daniel dos Anjos. **É de homem ou de mulher a pedagogia? Formação do pedagogo: uma questão de gênero, preconceitos e desafios.** Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia), Departamento de Educação, Universidade Federal de Sergipe, Campus Universitário Professor Alberto Carvalho, Itabaiana (SE). 2024.

OLIVEIRA, Jéferson Garzlaff. **O “estranhamento” da figura masculina na educação infantil: desafios e oportunidades da profissão.** Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia), Universidade Estadual do Rio Grande do Sul, Osório, 2023.

OLIVEIRA SILVA, Daniel Henrique et al. UMA DISCUSSÃO ÉTICA SOBRE O EXERCÍCIO DA PRÁTICA DOCENTE DE PROFESSORES HOMENS NA EDUCAÇÃO INFANTIL. **Conhecimento & Diversidade**, v. 17, n. 48, p. 43-60, 2025.

PEIXOTO, Jhonatan Phelipe; YAEGASHI, Solange Franci Raimundo; DE SOUZA, Sharmilla Tassiana. Educação e diversidade: pressupostos relacionados à feminização do magistério na Educação Infantil. **Revista Internacional de Formação de Professores**, p. e024005-e024005, 2024.

SILVA, Gabriel Felipe Melo da. **Educação infantil e gênero: a feminização da profissão e a escassez de educadores homens.** Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia), Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências, Bauru, 2025.

SOUSA, Mateus Fonseca. **A presença masculina na educação infantil: realidades e desafios.** Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia), Universidade Estadual de Goiás, Goiás, 2021.

VASCONCELOS, Beatriz Xavier; SANTOS, Natanael da Silva. **As dificuldades que o pedagogo enfrenta na sua prática na educação infantil.** Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia), Universidade Federal do Delta do Parnaíba, Parnaíba, 2021.

